

DA SOCIEDADE DE CONSUMO AO SUJEITO CONSUMIDO FROM THE CONSUMER SOCIETY TO THE CONSUMED SUBJECTS

Marco Correa Leite

Mestre em Psicologia. Coordenador do curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica do Centro Universitário Filadélfia e professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil.
mclmarco@hotmail.com

RESUMO | Este artigo pretende discutir as relações humanas na contemporaneidade pela ótica psicanalítica, bem como as perspectivas de subjetivação dos indivíduos contemporâneos. Articula-se a visão de mundo e de homem a partir da psicanálise com pensadores e teóricos da sociedade para chegar ao ponto de compreender alguns motivos pelos quais os seres humanos têm se relacionado com o outro como objeto de consumo - mercadoria, e não como objeto no sentido de troca afetiva, tal qual compreendemos os vínculos afetivos a partir da psicanálise freudiana.

Palavras-chave: Psicanálise; Contemporaneidade.

ABSTRACT | This paper discusses human relationships in contemporary society through psychoanalytic lens, as well as perspectives of subjectivity construction of contemporary individuals. Both a psychoanalytic view of the world and of man were articulated with theorists and writers on contemporary society, to arrive at an understanding of motives for which human beings have related to each other as objects of consumption – merchandise, rather than as objects in the sense of affective exchange, in the way we understand emotional connections in Freudian psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis; Contemporaneity.

INTRODUÇÃO

Em toda sua obra, Freud já havia demonstrado uma preocupação importante em relação ao efeito do discurso social na formação psíquica dos indivíduos, assinalando que a constituição psíquica está sujeita aos fatores internos e externos que estão articulados com a sociedade, suas leis e sua moral.

Em “O Mal-Estar na Civilização” (Freud, 1930/1990), o autor traz toda a construção do aparelho psíquico como interdependente da sociedade e do momento histórico em que a pessoa se encontra. A partir da leitura desse texto, fica claro que toda a sociedade acaba sendo refletida intrapsiquicamente a partir das relações humanas estabelecidas entre a pessoa e os outros. Neste caso, podemos citar a construção do Superego como a introjeção das leis e das regras morais nos indivíduos, as quais estariam sujeitas à determinada sociedade e seu momento histórico particular.

Por algum tempo, na psicanálise, muito se produziu em relação à técnica psicanalítica voltando-se, principalmente, à demanda clínica, à formação dos analistas e a uma preocupação com o método e com aquilo que podemos chamar de psicanálise pura, ou seja, a psicanálise a partir de seus conceitos, suas formulações e suas implicações teóricas. Aos poucos a articulação entre psicanálise e os outros campos de conhecimento foram sendo relegados a uma marginalidade do campo psicanalítico. Embora tivessem autores insistindo nesse campo, estes eram uma minoria, visto que as escolas e instituições psicanalíticas estavam muito mais ocupadas em formar analistas do que em expandir seu campo para fora da clínica, ou em incluir outros saberes no campo psicanalítico. Lacan (2008) chega a afirmar que mesmo entre os freudianos da segunda geração, a preocupação estava muito mais voltada para a técnica do que para os fenômenos, os conceitos, e também para a psicanálise em extensão.

Segundo Dunker (2011), a psicanálise em extensão trata de uma produção de conhecimentos que se estende para além do método aplicativo da teoria. Utiliza-se de outros discursos, outras ciências, para fundamentar o conhecimento e as descobertas propriamente psicanalíticas.

No presente trabalho procuramos compreender como está sendo constituído o psiquismo humano e sua subjetividade, considerando os efeitos do discurso social contemporâneo, tendo em vista que o ser humano, para Freud (1930/1990), desde o nascimento, vive um estado de desamparo, e que somente a vivência desse estado o permite se lançar no vínculo com o outro na busca de amparo. Assim, a partir do encontro com o outro, tem início a entrada de Eros, a pulsão de vida, realizando um recorte no circuito da pulsão de morte que, desde o nascimento, como pulsão anterior a Eros, tende ao retorno ao estado inorgânico, introduzindo ali uma satisfação diferenciada, mediada pela relação de amor com o outro. E essa relação com o outro, estabelecida pelo amor, retira o indivíduo do estado de desamparo. Na sociedade contemporânea, esse vínculo com o outro está profundamente marcado pelo discurso capitalista, pelo consumismo e pela lógica da busca por uma satisfação imediata e irrestrita. Lógica esta que diz de uma profunda articulação com a pulsão de morte, a qual tende a uma destruição dos objetos pela via do consumo e também pela via da satisfação por puro prazer, a princípio desarticulado do princípio de realidade.

À guisa de introduzir o assunto, podemos pensar rapidamente na relação de consumo encontrada nos pacientes que chegam à clínica demandando atendimento. Tendo como base os atendimentos clínicos, percebemos que os pacientes chegam com um discurso carregado de uma fantasia de que é possível a total extinção de qualquer tipo de estímulo negativo. A prescrição médica de antidepressivos, ansiolíticos e outros psicotrópicos, não é suficiente para boa parte dos pacientes que, sob o domínio de Thanatos, buscam pela extinção total dos sofrimentos inerentes à vida. Muito comum no discurso desses pacientes que chegam à clínica para atendimento é a queixa de que querem não sentir nada, em alguns casos, que querem morrer, ou ainda que não desejam ter nenhum tipo de sensação, seja ela física ou emocional. O consumo de medicamentos psicotrópicos por um tempo pode até amenizar o problema, principalmente quando há uma relação de confiança entre o médico e o paciente que, de acordo com Freud (1925/1990), acaba ajudando

o paciente na diminuição de seu sofrimento. Dessa forma, o paciente sente-se seguro com a garantia do médico de que aquele medicamento irá funcionar, mas depois de um tempo, o paciente retorna com os mesmos problemas. Embora alguns médicos aumentem a dose, e outros troquem a medicação, dificilmente um paciente irá começar o tratamento com um medicamento e terminar, se é que termina, com o mesmo.

A frequente troca de médicos sinaliza o desamparo frente ao sofrimento e a impossibilidade de ser ajudado pelo outro. Cresce com isso, não apenas o consumo de medicamentos psicotrópicos, mas o consumo de produtos ditos “para a saúde”, até mesmo o consumo de estilos de “vida saudável”, nos quais a felicidade seria fruto de uma alteração geral do pensar, agir e falar. Contudo tudo isso é passageiro e novamente as pessoas acabam se deparando com o vazio, falta de sentido, desamparo, com a sensação de que ninguém, nem nada, consegue aliviar seus sentimentos de angústia, dor, sofrimento e solidão.

A partir dessa ausência de referências, amparo e de alguém que exerça a função de balizador que sustente o sujeito humano, tal qual encontramos nas relações mais primitivas entre o bebê e seus progenitores, parece que as pessoas têm dado adesão ao consumismo como uma alternativa aparentemente superficial para esse problema. Ressalta-se o Consumismo enquanto característica de uma sociedade (Bauman, 2008) que coloca o ser humano como alguém que encontra no consumo um sentido de sua vida e também sua própria razão de viver.

Outro ponto que há de ser pensado é em relação a como os outros estão sendo percebidos pelas pessoas deste momento histórico. Bauman, Melman e outros autores, apontam para uma relação em que as próprias pessoas consomem umas as outras como um objeto qualquer, na busca de uma satisfação, de um “bem-estar” jamais alcançado. Esse tipo de vínculo de consumo não se parece em nada com os vínculos que, até então, a psicanálise freudiana tem atestado como vínculos de amor constituintes dos sujeitos.

Esses vínculos de amor que, mais do que servir para

o outro como objeto de troca libidinal, serviria também como amparo em uma relação de amado e amante. Porém, fatidicamente, a relação de troca de amor é deixada de lado em troca de uma relação de consumo do amor, o amor, enquanto algo que o outro teria para oferecer, passa a ser visto, então, como se fosse mais uma mercadoria.

Diante da análise dos vínculos humanos cada vez mais frágeis na contemporaneidade (Bauman, 2004) e compreendendo o humano enquanto alguém que necessita de um outro para se constituir, cabe-nos questionar o que tem feito o papel de outro nas relações humanas para que haja a constituição de um sujeito na contemporaneidade e quais as consequências dessa troca de “objeto”.

MÉTODO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo na qual foram analisadas algumas obras de autores psicanalíticos e também de outras áreas do conhecimento como sociologia e antropologia. A proposta da pesquisa foi a de uma não neutralidade científica na escrita do artigo, pois optou-se por articular a leitura dos textos com a escuta decorrente do trabalho de atendimentos clínicos realizados de 2010 a 2016. Nesse sentido, pode-se perceber que a teoria foi corroborada pela escuta clínica, mas que também o estudo teórico auxiliou na compreensão e na escuta dos pacientes à medida que as demandas foram aparecendo como sofrimento atrelado ao modo de vida contemporâneo.

Esta pesquisa foi realizada a partir da leitura de uma extensa bibliografia majoritariamente freudiana e de alguns comentadores de Freud que contextualizam as ideias freudianas para o tempo presente. Articulamos também os conceitos psicanalíticos com os elementos que consideramos importantes na descrição e análise da sociedade contemporânea. Assim, outros autores que dialogam com a psicanálise como, por exemplo, Guy Debord, Adorno, Melman, Bauman, entre outros, foram utilizados para responder à questão sobre algumas características da sociedade contemporânea que se

explicitaram durante a análise e interpretação das obras consultadas.

DISCUSSÃO

No período freudiano, o outro era a condição necessária, não somente, para a constituição psíquica do sujeito, mas também para sobrevivência e enfrentamento do sofrimento inerente à vida humana. Já na sociedade contemporânea, alguns autores como Bauman (2008), por exemplo, colocam o outro não como alguém semelhante, mas como objeto por meio do qual o sujeito encontraria sua satisfação. Nesse sentido, o outro passou a ser mediador da satisfação, ao invés de ser visto como objeto vincular, em que a satisfação se daria na instituição e manutenção do vínculo com um semelhante. Outra característica contemporânea tem sido a frequente busca por psicotrópicos, como a Ritalina, Concerta, Rivotril, Lexotan, entre outros, que demonstram não apenas a insatisfação do sujeito consigo mesmo, como também a insatisfação do sujeito com o outro no sentido de que qualquer atitude que não se enquadra no padrão do “normal” deve ser considerado anormal e até mesmo patológica, necessitando de uma intervenção medicamentosa para padronizar o indivíduo na forma como é esperado de si mesmo ou do outro. Com relação a esta padronização, iremos trabalhar de forma aprofundada mais à frente neste artigo.

Diante do elevado índice de depressão que, segundo a OMS, será até 2020 a principal causa de afastamento do posto de trabalho no mundo, do aumento de casos psiquiátricos, psicossomáticos e problemas de ordem psicológica, temos também um aumento vertiginoso do número de receitas prescritas pelos médicos e do consumo cada vez maior de medicamentos psicotrópicos. Frente a esta realidade, tem sido observado nas clínicas psicológicas que os pacientes não conseguem manter vínculos satisfatórios com os outros, dessa forma temos um sujeito “do desamparo” (Freud, 1930/1990) que busca por amor, porém encontra um “Amor Líquido” (Bauman, 2004) em um “Mundo sem limites” (Lebrun, 2004) onde vive-se de aparências em uma “sociedade do espetáculo”

(Debord, 1997).

A medicação e o tratamento “eterno” surgem como mais uma opção na tentativa de suprimir qualquer tipo de sofrimento. Debord (1997) assinala claramente que o espetáculo é a máscara que tem um duplo sentido. Pensar dessa forma implica em reconhecer a face destruidora da depressão e da insatisfação que deve persistir para que o indivíduo continue buscando tomar o medicamento, e a adesão ao tratamento que o possibilita sorrir a qualquer preço.

O próprio objeto de consumo ao mesmo tempo em que mostra seu efeito benéfico denuncia a miséria do humano contemporâneo o qual, na busca por algo que o permita ser feliz, não encontrando no outro, como em outros períodos históricos, acaba recorrendo à medicação. Debord (1997) afirma que “O espetáculo não exalta os homens, mas as mercadorias e suas paixões”, dessa maneira o medicamento enquanto mercadoria apenas serve como meio para alcançar a paixão humana da tão sonhada felicidade a qual, no momento histórico atual, não se acredita mais que os homens podem encontrar na relação com seus semelhantes.

Os seres humanos, tal como definidos por Freud em “Totem e Tabu” e em “O Mal-Estar na Civilização” dependem do outro para existirem enquanto seres humanos. O outro real, que deveria existir como referência, como alguém real, como amparo, é justamente o que se tem discutido como ausente ou até mesmo inexistente na sociedade contemporânea. Assim, o sujeito ao invés de encontrar alguém real, encontra o outro como um ideal, perfeito, o que sugere uma ferida narcísica, visto que o ideal não pode ser alcançado, mas apenas vislumbrado para que o Eu caminhe em direção a ele. Porém, se as pessoas se apresentam como ideais, desaparece o outro como semelhante, com defeitos, dificuldades, limites. E esta ausência do Eu real implica diretamente no sentimento de desamparo que pode levar a importantes patologias, visto que inconscientemente o indivíduo contemporâneo sabe que não poderá jamais chegar àquela forma perfeita vendida nos catálogos de roupas de marca por exemplo. Com isso, a sociedade contemporânea patologiza o indivíduo cada vez mais à medida que impõe padrões alicerçados em impossibilidades.

Freud (1925/1990) traz uma importante contribuição, a partir da leitura e crítica do trabalho de Otto Rank, ao explanar sobre o desamparo humano que é perceptível no momento do nascimento e sua ligação com a angústia presente em distintos momentos da vida das pessoas. Na parte VIII do texto “Inibição Sintoma e Angústia” (Freud, 1925/1990), o autor realiza uma exploração sobre a angústia e conclui que ela sinaliza diferentes perigos em diferentes momentos do desenvolvimento psíquico. E a partir de uma visão geral do texto, fica claro que a angústia é um sinal de perigo iminente no qual o indivíduo encontra-se em estado de desamparo, ou seja, precisa do outro para ajudá-lo e socorrê-lo, pois sem o outro não vê possibilidade de sobreviver. “Afigura-se provável que, como um determinante da ansiedade, a perda do amor desempenha o mesmíssimo papel na histeria que a ameaça da castração nas fobias e o medo do superego na neurose obsessiva.” (Freud, 1925/1990, p.141)

Com relação à ameaça da castração, é justamente sobre a perda do objeto amado que a ansiedade acaba se manifestando (Freud, 1925/1990). Quanto ao medo do superego, nada mais é do que a perda do amor do outro introjetado (Freud, 1930/1990).

Freud (1925/1990) explica que, a angústia é uma reação diante de um momento caracterizado por perdas. No início da vida, ele aponta que a angústia é proveniente da separação da criança com sua mãe. A mãe, para a o bebê recém-nascido, está na posição de único objeto, ou ainda de parte do bebê. A criança no momento do nascimento não tem a mínima noção do que está acontecendo, não tem possibilidade egóica de lidar com a situação. Então a angústia seria proveniente dessa incapacidade do Eu de lidar com o que está acontecendo, articulado com a perda do objeto amado, que no nascimento da criança pode ser compreendido como o corte na relação mãe-bebê em que ela nutria, aquecia, protegia o bebê em seu ventre e que agora o bebê começa a perceber-se de outra forma, sente-se desamparado.

Para Lacan (1985), a separação do momento do nascimento é traumática em todos os sentidos possíveis. A luz que entra pelos olhos do bebê, antes protegidos pelo corpo da mãe, no momento do

nascimento é da ordem de uma grande quantidade de excitação na membrana ocular. Além do som que agora pode ser ouvido muito mais alto e forte, bem como a quantidade de ruídos que antes não eram percebidos. Mas também existe nesse aspecto a perda do som do útero materno, o som das entranhas da mãe que aparentemente traziam à lembrança do bebê a segurança e o amparo, porém agora não são mais ouvidos. A pele que sente pela primeira vez a brisa, o vento, as sensações todas de toques diretos, o que não acontecia no ventre materno. Resumindo, há uma enorme quantidade de excitação no momento do nascimento, a qual extrapola qualquer possibilidade do Eu (ainda um Eu débil, como diria Freud em “Introdução ao Narcisismo”) de lidar com todos esses elementos, remetendo ao bebê a situação mais pura de desamparo, que está intimamente ligada à proximidade da morte e da necessidade do outro.

O desamparo humano do nascimento manifesta-se justamente nesse momento, na incapacidade de sobreviver sem o outro, atrelado a uma enorme quantidade de excitação com a qual o indivíduo, por alguma razão, não consegue lidar. Porém, esse viés biológico irá ganhar novos sentidos com o passar do desenvolvimento humano. Primeiro será a necessidade do outro para a sobrevivência do corpo (nascimento) como vimos anteriormente. O outro aqui será o responsável pela proteção, cuidado, amparo, tudo isso será organizado como elemento constituinte do afeto do amor.

Concomitantemente à questão orgânica, o outro entra como alguém que ama o bebê, e com este amor projetado no bebê irá causar nele o desenvolvimento psíquico e a constituição do Eu. Estamos falando aqui de um ponto extremamente importante e problemático na teoria freudiana, pois este é o momento em que o narcisismo ganha corpo em função do autoerotismo. Temos em um primeiro instante, a partir do momento do nascimento, o autoerotismo que seria justamente a satisfação do bebê consigo mesmo pela via do princípio do prazer. Porém, com o passar do tempo e com o investimento libidinal dos pais (não necessariamente deles, mas para facilitar a compreensão tomaremos como exemplo a família composta do filho e dos pais como progenitores) o bebê vai aos poucos deixando o autoerotismo para responder à demanda dos pais,

vai sendo introjetado ao princípio de realidade que tende a se articular com o autoerotismo, este nunca deixa de existir, mas passa a ser organizado pelo Eu. Isso só é possível mediante à estruturação de um Eu, que se forma pela organização das percepções e sensações, bem como dos afetos provenientes e pela função dos pais em nomear, significar e introjetar os valores pela via do afeto e da linguagem. Longe de explicar todos os pormenores dessa complicada relação, cabe esclarecer apenas que o outro é extremamente importante, pois o Eu do bebê é dependente não apenas no plano orgânico, como também no plano psíquico para sua própria constituição.

Em um novo ensejo, quando o Eu já está estruturado, podemos pensar no momento do complexo de Édipo. Esta circunstância singular na cultura humana é uma das principais referências da necessidade do outro para a constituição do ser humano. Primeiro porque ocorre em uma relação triangular na qual é necessária mais do que uma pessoa além do bebê; segundo porque demarca a Lei humana fundamental, ou seja, que fundamenta a humanidade, a proibição ao incesto, do canibalismo e do parricídio. Aqui há um corte profundo que deixa suas marcas no psiquismo humano, a angústia neste momento surge como um sentimento frente à castração, não está mais ligada necessariamente ao perigo iminente diante da possibilidade de morte biológica, mas antes a uma possibilidade de morte psíquica, visto que, se o bebê infringir a lei e ir adiante na satisfação de seus desejos, corre o risco de perder o amor de seus pais.

A Lei do incesto, no entanto, não é transmitida apenas pela proibição da incapacidade física de cópula entre a mãe e o bebê, mas também por meio da linguagem que irá introduzir o bebê na condição de humano. Segundo Lacan (1985), a introdução do infans no mundo dos humanos se dá a partir da linguagem, seja ela falada ou atuada. A linguagem marca o sujeito na forma de dar sentidos humanos às sensações fisiológicas e, a partir de então, o bebê começa a conseguir representar as coisas, podendo, com a linguagem, constituir-se enquanto humano.

A criança, após entrar na condição de humano, fala, seja por sinais, gestos, choros, ou palavras, e consegue representar as coisas, nesse sentido,

tem um aparelho psíquico capaz de minimamente realizar uma representação mental do que vem de fora. A constituição psíquica de um ser humano ocorre basicamente, mas não apenas, por meio da relação que este estabelece com os outros e consigo mesmo, servindo-se da linguagem.

O ser humano pode ser considerado então um ser da linguagem, que “troca” palavras com o outro, e é constituído pela palavra do outro. Em última análise, o ser humano tem uma relação de interdependência com o outro e por isso o “medo do superego” (Freud, 1925/1990 e 1930/1990) faz-se tão presente mesmo após o ser humano já estar constituído enquanto alguém, visto que o superego é o responsável pela integração e manutenção dos vínculos sociais humanos.

A partir do princípio psicanalítico de que a relação humana é uma relação interdependente entre as pessoas e que ela foi a forma encontrada de proteger-se do desamparo desde o momento do nascimento, pode-se compreender que a necessidade do outro (Freud, 1925/1990) sempre estará presente na existência humana.

Enquanto na sociedade vitoriana o núcleo familiar era o responsável pela formação e constituição da criança, servindo sempre de apoio e suporte para qualquer momento da vida dos seus membros, hoje, cada vez mais esse vínculo de suporte para o outro tem sido deixado de lado, o outro, mesmo que no seio de sua família, parou de ser alguém que sirva de suporte, de amparo. Vivemos em um tempo histórico específico em que a sensação é a de que as pessoas não conseguem realizar uma troca de afetos, pelo contrário, o sujeito investe libidinalmente em alguém e não consegue receber em troca este investimento. Embora os indivíduos queiram ser investidos libidinalmente pelos seus, não se sentem amados nem mesmo dentro de suas casas. Há aqui algo interessante a ser pensado, não quer dizer que o investimento não exista, mas sim que, por algum motivo, os indivíduos não se sentem amados como gostariam, como imaginam que deveriam ser. Estamos tocando em elementos oriundos da época do desenvolvimento narcísico, na qual há o predomínio das fantasias e do princípio do prazer. Aparentemente, existe uma sensação de insuficiência frente ao amor do outro, ora não é o

bastante, ora não é como se esperava.

Remeter-se ao princípio do prazer para balizar as relações humanas tem algumas consequências bem diretas e práticas. Pois, o indivíduo que tem como meta (inconscientemente) a satisfação de suas fantasias, estará fadado à infelicidade porque elas são desde sempre impossíveis de serem satisfeitas. Freud afirma que diante da busca pela felicidade, as pessoas têm duas maneiras de encontrá-la: na “ausência de dor e desprazer e a vivência de fortes prazeres” (Freud, 1930/1990, p.30). Nesse trecho de sua obra, ele chega a considerar a vivência de fortes prazeres como “a felicidade” propriamente dita, porém mais para frente, com a introdução do conceito psicanalítico de “Princípio de Realidade”, Freud (1930/1990) irá concluir que viver um prazer intenso, ou seja, dar fruição à totalidade da satisfação pulsional também seria desprazeroso. Dessa forma, o Princípio da Realidade serviria como um regulador da forma de como o prazer estaria sendo sentido.

Talvez essa seja uma diferença marcante entre a sociedade em que viveu Freud e a sociedade contemporânea. Na época em que escrevera “O Mal-estar na civilização” (1930/1990), ele afirmou categoricamente que a felicidade em seu tempo estava em “moderar suas pretensões à felicidade - assim como também o princípio do prazer se converteu em princípio da realidade, sob a influência do mundo externo” (p.31). O que percebemos hoje é justamente a busca, até certo ponto insana, de prazer e satisfação. Até mesmo a busca pelo não sofrimento está na ordem da satisfação da pulsão de morte, do retorno ao estado inorgânico no qual não haveria qualquer tipo de excitação.

O maior desprazer que Freud relaciona no seu texto é o de não ser amado e não poder amar. No texto “O Mal-Estar na Civilização” (1930/1990), Freud traz como um problema intra-psíquico, ou seja, do aparelho psíquico individual de cada um, o amor enquanto movimento, enquanto troca entre o sujeito e o objeto amado.

Na sociedade contemporânea o amor ganhou inúmeras formas, em especial com relação ao sexo. Não é difícil “amar” tal qual propõe o discurso social contemporâneo, podemos dizer que estamos

no regime do imperativo do gozo, em que tudo virou amor, mas que mesmo assim não é o suficiente.

Enquanto para Freud (1930/1990) o ser humano nunca está tão desamparado como quando perde seu objeto de amor, que em um primeiro momento remete à pessoa amada, parece que o princípio de realidade terá um papel fundamental na manutenção da relação amorosa, na medida em que este amor ao outro pode ser de fato dado ou recebido. Isso porque o princípio de realidade irá trabalhar com um mínimo de mal-estar possível, embora sempre presente, garantindo que o outro e o próprio sujeito fiquem na insatisfação, porém tenha sempre o objeto amado presente. O amor nesse tipo de relação tende a se manter em decorrência da segurança da presença do outro a fim de que, quando o Eu sentir-se em necessidade, ele tenha com quem contar para encontrar a satisfação.

Na sociedade contemporânea um dos problemas pode ser justamente a dificuldade em compreender o porquê o Eu se ligaria ao outro sendo que, no momento em que o Eu tiver necessidade ele poderá encontrar a satisfação em qualquer lugar ou com qualquer pessoa. Tal qual se obtém uma mercadoria na prateleira do mercado, as pessoas se dispõem como objetos para satisfação imediata do outro.

Temos então duas épocas distintas que são marcadas - muito mais do que apenas por diferenças nos comportamentos, atitudes e sentimentos dos indivíduos - por uma importante diferença no discurso social vigente que assinalam as duas sociedades de forma muito clara. Nesse sentido, Bauman (2008) faz uma espécie de arqueologia dos discursos sociais e nos apresenta essa diferença de forma bem descritiva ao dizer que antes o que era visto como saudável e desejado, era o acúmulo pelo acúmulo, o ter cada vez mais, sem se importar necessariamente com o gasto, ou com a aparência. Nessa época os homens poupavam e construíam impérios a partir de seu trabalho e economia, já na sociedade contemporânea temos basicamente um discurso voltado para o consumo, para o gasto, para o prazer imediato. Como consequência, vemos impérios que foram construídos durante algumas gerações serem deteriorados pelos jovens membros pertencentes à família a qual assiste a tudo de forma atordoada sem se dar conta do que está

acontecendo.

Essa mudança no discurso social, embora tenha seus efeitos no psiquismo humano ainda assim não anula as descobertas freudianas, ao contrário, pois podemos fazer uma ligação entre os discursos sociais quando pensamos que, em um primeiro momento, o ter entra como objeto de desejo, o qual pode ser representado pelo dinheiro ou pela pertença de posses. Na sociedade contemporânea, o consumismo, ou ainda a possibilidade de consumir irrestritamente, pode ser pensado como objeto de desejo dos indivíduos contemporâneos.

A lógica dos relacionamentos humanos segue essa mesma prerrogativa, na época freudiana temos muito bem demarcado por Freud e por outros autores da época que a busca era pela posse e manutenção do outro como objeto de desejo. Na sociedade contemporânea, o outro está mais para a relação como objeto no sentido de mercadoria do que no sentido de outro alguém com quem busco me relacionar e manter a relação de forma duradoura. Podemos pensar a partir desses elementos a relação de amar e ser amado como uma troca na qual o amante e o amado encontram-se no caminho a trocar o que lhes parece que o outro não possui e o que se acredita que o outro deseja. Porém, essa relação tem um limite importante, pois o outro não está ali para a satisfação de todas as suas pulsões e necessidades, visto que, caso assim o fosse, o outro não sobreviveria diante da satisfação da pulsão destrutiva, a pulsão de morte que com certeza destruiria o objeto amado.

Pensar no amor a partir da base do consumo tem suas complicações, por exemplo, o amante não se importa de fato com o amado, importa-se apenas em extrair do amado aquilo que ele acredita ter encontrado e diz que ama. Não temos uma relação de troca, o que há aqui é uma relação de mercadoria em que um indivíduo compra um produto o qual ele acredita que, naquele momento, irá lhe dar aquilo que ele está precisando.

Detemos então o consumo do “amor”, mas, mesmo assim, o sentir-se amado pelo outro que se ama é justamente uma das dificuldades encontradas na contemporaneidade. Outro ponto dentro da mesma problemática é o de que muitas pessoas sentem-se

amadas, todavia não amam, consomem apenas o amor que lhes é dado sem necessariamente amar em troca. Vê-se assim um desencontro nas relações de amor, no entanto esse desencontro não é de agora, podemos dizer que, socialmente falando, desde os casamentos arranjados, ou muito antes disso, já existe um “comércio” voltado para o desencontro amoroso.

Embora as pessoas se julguem capazes de amar ou de serem amadas, não encontram alguém com quem consigam de fato se relacionar e viver este amor. Dizem que não conseguem se sentir amadas como gostariam ou como acham que deveriam ser amadas, estão sempre em busca de outro, como podemos ver no discurso social contemporâneo “a fila anda”. Nesse sentido, as relações humanas deixaram de ser vínculos duradouros em que os dois se implicariam na construção da relação e do amor tornando-se extremamente fugaz, ou ainda, como diria Bauman (2004), “líquidas”.

O “amor líquido”, como descreve o autor, é justamente um amor no qual as pessoas consomem do outro o que o outro tem para dar, mas não dão nada em troca. A própria relação humana passa a ser de puro consumo, sem investimento (amar) algum por parte de quem consome, justamente pelo medo de perder o objeto de amor e cair no desamparo. Bauman (2008) afirma que as pessoas da sociedade contemporânea colocam-se como produtos dispostos em prateleiras de mercado, fazem-se mercadorias para o consumo de outros, na tentativa de serem amadas.

Quando pensamos com Debord (1997), o qual compreende a contemporaneidade como o tempo do espetáculo, o indivíduo só será visto como uma boa mercadoria “disponível no mercado” se as pessoas, segundo Bauman (2008), fizerem “o máximo possível e usarem os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajadas a colocar no mercado, promover e vender, são elas mesmas.” (p.13)

Colocar-se em uma posição de destaque, de “mercadoria para o consumo” (Bauman, 2008), sugere uma relação em que o consumo aparentemente poderia sanar a sensação de

desamparo. O problema é que cada vez mais as pessoas que passam do consumo para o consumismo prendem-se a uma fantasia de encontrar alguém, ou ainda um objeto, que as satisfaça, mas isso jamais acontece.

Um dos pontos que deve ser esclarecido é justamente como o humano continua em sua busca insana sem nunca encontrar o objeto que procura. Primeiro, antes de entrar na questão da realização (imaginária) que o objeto poderia trazer, faz-se necessário compreender o conceito que Adorno (2006) traz como “Indústria Cultural”.

A Indústria Cultural, na realidade, seria uma espécie de fomentadora dos desejos dos homens. Porém, ela não fica apenas no plano de especular e formar o desejo nos sujeitos, ao contrário, ela tem o papel primordial de ser mutável, ou seja, apresentar uma ideia de objeto para a realização do desejo, mas que, quando os objetos reais são colocados à frente do sujeito, jamais o satisfaz. Cria-se então um novo objeto, sendo que a ideia já está lá, plantada no inconsciente das pessoas, as quais então repetem o mesmo trajeto pulsional de consumir, destruir e depois excretar os inúmeros objetos que lhes são apresentados, sem nunca se satisfazer. Segundo Zuin (2001), “(...) a Indústria Cultural se assemelha a uma indústria quando destaca a standardização de determinado objeto.” (p.11)

O produto por excelência “standardizado”, ou ainda, elevado à categoria de necessidade, tem sido as próprias pessoas. Na tentativa de permanecerem aceitas e integradas à sociedade contemporânea, as pessoas, segundo Bauman (2008) “são ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores.” (p.13)

O problema começa a complicar quando lemos em Freud (1930/1990) a necessidade que o humano tem de um outro ser humano, ou ainda, a necessidade que o ser humano tem de uma boa relação com um outro ser humano. Freud (1930/1990) indica que essa seria uma das três principais formas de sofrimento na vida das pessoas. Agora, esse tipo de sofrimento só é potencializado quando não se encontram pessoas reais, mas apenas mercadorias

para o consumo.

Essa forma de existência humana pautada na mercantilização do indivíduo traz como característica um sujeito que busca no consumo algo que jamais encontra. Consumir, seja no ato real - ingerir alimentos, medicamentos, ou até mesmo outras pessoas, como no canibalismo -, ou no consumismo simbólico - muito presente na cultura empresarial, na qual os superiores consomem os seus subordinados, refazendo a divisão de classes na sociedade -, passou a ser o ponto gravitacional das relações humanas contemporâneas.

Com o consumo dos outros, segundo Melman (2003), as relações humanas são simplesmente no aqui e agora, sem perspectivas de futuro, sem se importar com o amanhã, servem apenas para satisfação imediata. Essa característica que prega o imediatismo, ao mesmo tempo “proíbe”, ou, ainda, dificulta as relações amorosas que são construídas com tempo, com o conhecimento de si mesmo e do outro. Justamente sem o outro real teríamos o sujeito imerso em si mesmo, que pode levar ao estado de desamparo. Para tentar aplacar o desamparo, as pessoas procuram vincularem-se a objetos, medicamentos, drogas, álcool, moda, entre outros elementos que a sociedade colocaria como possibilidade de amparo. O problema dessas relações é que não são suficientemente estáveis para constituírem um Eu minimante organizado, ou minimante estruturado, o que ocasionaria uma dependência sempre maior em relação ao objeto. Ocorre que, se o objeto-mercadoria é destruído no ato do consumo, assim também estaria ocorrendo com as relações humanas? Uma vez que os objetos são consumidos, o próprio ser humano acaba consumindo os outros da mesma forma.

Mediando as relações humanas atravessadas pelo consumo, a Indústria Cultural apresenta uma infinidade de objetos para a satisfação humana, que se daria pela via do consumo, sempre prometendo uma satisfação real a qual, porém, nunca se concretiza. Gozar a qualquer preço, ou seja, ter como princípio e finalidade da vida a busca pela satisfação, é apenas uma forma de obedecer aos mandos superegóicos que imperam na cultura atual. Estamos falando aqui de uma repressão social a qual afirma que, para estar na sociedade, é

necessário aderir ao seu funcionamento, destituindo qualquer possibilidade de satisfação com o outro pela manutenção do vínculo (relações amorosas e duradouras, na qual a satisfação pode não ser total, mas parcial, por mais tempo e mais segura). Nela as pessoas buscam a satisfação imediata, na qual imaginam uma satisfação plena e eterna, só que balizada pelo princípio da realidade articulado com a Indústria Cultural jamais conseguem chegar à satisfação total de fato.

A sociedade de consumo proposta por Baudrillard (1995) diz que em uma sociedade que tem suas raízes firmemente estabelecidas no solo do consumismo - seja o consumo de um produto mercadológico, seja uma outra pessoa, ou um sentimento -, o indivíduo está como que centralizado na posição de responsável pela sua felicidade a partir do máximo de prazer que ele consegue ter nas relações com os outros objetos que o cercam. Aqui a busca é sempre por um tipo de satisfação, por um tipo de prazer que, de forma indeterminada indica que todas as pessoas devem buscar o que as satisfazem, mas ao mesmo tempo determina, ordena, que os indivíduos devem se satisfazer.

A pulsão, tal qual descrita por Freud (1930/1990), tem como uma de suas características o encontro com o objeto e seu retorno ao Eu como caminho de satisfação. Assim, pensar o objeto pelo viés pulsional nos leva, no limite da teoria, a compreender que uma ideia, uma coisa, uma mercadoria ou uma pessoa podem ser este objeto de satisfação pulsional.

Na sociedade contemporânea, tal qual a descreve Melman (2003), temos uma sociedade em que o imperativo do gozo deixa de ser direito para se tornar um dever. Isso significa gozar a qualquer preço, mesmo que isso represente a destruição do outro semelhante a mim que será consumido em prol de uma satisfação momentânea e destituído da possibilidade de continuidade. Está selada, então, uma forma de relação humana primitiva baseada no consumismo e não no consumo, na qual até mesmo o sujeito que consome coloca-se em lugar de objeto de satisfação para um outro, objeto para ser consumido pelo outro, destruindo toda e qualquer possibilidade de relação mais profunda e duradoura.

Não importa o que ou quem é consumido, se é uma mercadoria ou se é um semelhante, nem qual é o objeto de consumo, estamos pensando aqui na noção de objeto para a satisfação pulsional e não na noção de objeto material, o que se percebe é que a insatisfação com o consumismo leva o sujeito cada vez mais a buscar nos ideais e promessas sociais, uma forma de silenciar o sentimento de solidão, vazio e desamparo. Porém, esse funcionamento, basicamente pelo princípio do prazer, tem suas consequências. Freud (1930/1990) afirma que não é o princípio do prazer que irá trazer segurança e aliviar o ser humano do mal-estar, mas ao contrário, somente um ideal, ou ainda um sentido mais elevado do que a satisfação imediata poderá, de alguma forma, proteger o homem de seu estado de desamparo. Essa mobilidade libidinal é o que Freud traz como princípio de realidade, ou seja, investir libidinalmente em outra coisa, em outro objeto, que possa - ao invés de proporcionar um prazer imediato e extremamente forte, tal qual se supõe que ocorreria com a livre fruição pulsional - proporcionar um mínimo de prazer por mais tempo e uma segurança de atingir sua meta.

O princípio de realidade seria então como uma proteção, uma defesa ao sofrimento (Freud, 1930/1990), mas em uma cultura em que tal princípio está praticamente funcionando apenas no contexto do trabalho e não mais se estendendo às relações entre as pessoas e os outros, ou entre elas e seus objetivos, os sentidos que dão às suas vidas, encontramos um entrave significativo às relações humanas. Conseguimos pensar em uma sociedade funcionando primitivamente como o princípio do prazer e as pessoas protegendo-se de alguma forma com o princípio de realidade ainda funcionando, mesmo que de uma forma debilitada.

Debord (1997), ao realizar um exame da sociedade contemporânea, refere-se a ela como “sociedade do espetáculo”. Em sua obra, podemos encontrar muitos elementos que supõe uma ligação com a Indústria Cultural e, mesmo sem citar estes termos deliberadamente, é possível ver no fragmento a seguir tanto a busca pela satisfação via consumo quanto o movimento perpétuo da Indústria Cultural que se renova a cada momento promovendo outro produto.

Percebe-se que o consumo está relacionado ao princípio do prazer proposto por Freud, no qual o organismo buscaria um estado de homeostase. O princípio do prazer pode ser pensado como uma lei regulatória, segundo a qual o organismo buscaria uma forma de descarregar a energia, quando houver excesso de excitação, de energia acumulada. Freud (1920/1990) afirma que o prazer será exatamente a descarga desse acúmulo de energia e, ainda, que o funcionamento psíquico tem uma tendência ao princípio do prazer, mas que ele não é, em muitos casos, o resultado final do problema da economia libidinal.

De acordo com Freud (1920/1990), “(...) não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos.” (p. 164). Freud aponta que a experiência clínica comprovou justamente o contrário: embora exista uma tendência ao princípio do prazer, ele não é, de forma alguma, predominante no psiquismo, ao contrário, está presente, tem sua parcela de influência, mas o que acaba por se sobressair é o princípio de realidade. Freud (1920/1990) deixa claro que o princípio de prazer é uma tendência psíquica, ou seja, embora o objetivo de descarga não se realize, o caminho está marcado e a busca por ele é constante. Exatamente pelo objeto encontrado não satisfazer completamente é que pode haver a troca por outros objetos. Pois o consumo está atrelado ao modelo de funcionamento do princípio de prazer, isto é, um objetivo para o qual a pessoa que o realiza estaria satisfeita, porém, no fim das contas, não é isso que se sucede, pois o que ocorre é a frustração, o engano, a percepção de que ainda falta, colocando a pessoa no domínio da compulsão à repetição. Neste momento o consumo deixa de ser a palavra de ordem para entrarmos no que Bauman (2008) se refere a consumismo.

Ainda pensando na metapsicologia freudiana, é exatamente o excesso daquilo que tiraria a sensação de desprazer que irá tornar-se desprazeroso. O consumo para satisfação tem um limite que há muito tempo já foi ultrapassado em nossa sociedade, deixando de ser apenas consumo e tornando-se consumismo, aumento de desprazer, em outras palavras: o consumo em sua forma mortífera.

Enquanto o consumo faz parte da vida das

pessoas e de todos os organismos vivos, Bauman (2008) esclarece que o consumismo é um atributo da sociedade como um todo: “Pode-se dizer que consumismo é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros (...) uma força que coordena a reprodução sistêmica” (p.41). Dessa forma, o consumismo é o do funcionamento social, no qual existe uma reprodução sistêmica, uma repetição de um mesmo padrão que se insere na subjetividade dos indivíduos via Indústria Cultural.

Segundo Zuin (2001), a busca pelo consumo irrefreado de um produto estandardizado, e também a troca com que a Indústria Cultural promove continuamente de seus “ideais”, ou ainda, dos produtos que, ao consumi-los a pessoa poderia se reconhecer enquanto sujeito, remetem a uma mentira, a uma falsa experiência de ser reconhecido como um indivíduo semelhante, como um sujeito. Além disso, o autor faz uma ampliação do produto consumido, pois não é mais simplesmente o objeto real, mas o signo que ele traz embutido em si. Isso requer uma compreensão de que não é o produto em si que está sendo manipulado pela Indústria Cultural, pois o produto é um mero objeto, mas o significado deste produto na vida das pessoas.

Para Debord (1997) “a própria insatisfação tornou-se mercadoria” (p.40). Isso porque a Indústria Cultural funcionando com o princípio de realidade prega o consumo da insatisfação por meio da pseudo-satisfação do consumo do outro. Dessa forma, consumir para existir, existir enquanto alguém insatisfeito, enquanto alguém que está preso à compulsão, à repetição de um ciclo de consumo que não levará à satisfação alguma que não seja a de pertencer ao mundo dos insatisfeitos.

A partir do momento em que a insatisfação torna-se um tipo de sofrimento característico da contemporaneidade, faz-se necessário entrar no intrapsíquico para compreender um pouco melhor os aspectos desse sofrer. Freud (1930/1990) afirma que tal sofrimento pode vir principalmente de três pontos: a finitude e decadência do corpo, o mundo exterior e, principalmente, a relação com os outros.

Acerca da finitude e decadência do corpo, a ciência consegue mascarar o fim trágico que é a

morte com inúmeros medicamentos, cosméticos, tratamentos, tudo para tentar negar e adiar essa finitude. Com relação aos perigos externos, os mais novos avanços científicos são capazes de promover defesas reais frente a enchentes, tsunamis, furacões, tornados, terremotos, entre outros fatores que assolam a humanidade contra os quais antes não havia qualquer possibilidade de defesa. Quando nos deparamos com a última fonte de sofrimento, ou seja, aquela que advém da relação com o outro, muitos jovens buscam hoje em dia para “apaziguar” a sensação de solidão, celulares com mensagens, redes sociais virtuais, músicas durante todo o tempo.

Vejamos mais atentamente algumas possíveis artimanhas utilizadas pelo discurso social contemporâneo na tentativa de apagar o sofrimento humano. Neste ponto não se trata de atribuir um valor ou de julgar minimamente se é bom ou ruim, mas de lançar apenas um olhar crítico para poder compreender os avanços tecnológicos à luz de uma demanda impossível de ser satisfeita.

Com relação à finitude e decadência do corpo humano, não precisamos utilizar tanto a imaginação para compreender como a tecnologia tem sido utilizada para desmentir a realidade da morte. Por exemplo, pacientes são internados em UTI's por anos a fio, muitas vezes sem qualquer perspectiva de vida e ainda, em alguns casos mais raros, os familiares mantêm os pacientes internados, ocupando leitos desnecessariamente visto que todos os órgãos do corpo já pararam de funcionar. O prolongamento da “vida” que a tecnologia proporciona não corresponde ao sentido de vida que qualquer pessoa na face da terra possa ter.

No terceiro ponto abordado por Freud (1930/1990), o sofrimento vem da força impiedosa da natureza. São gastos bilhões e bilhões de dólares para prevenção de tsunamis e terremotos, tornados e furacões. Claro que existe de fato algum resultado, geralmente o único é o do aviso com maior antecedência para que o máximo possível de pessoas consiga fugir. No entanto, isso apenas reforça a impotência humana e nossa fragilidade. Não há nada que possa conter um terremoto, não há ainda - e talvez nunca venha a existir - um corpo, uma pessoa que resista ileso à passagem de um tsunami, só nos resta fugir. Cremos que esses

são suficientes para apontar uma resposta para o próximo elemento que são as relações humanas.

A respeito das relações humanas e do sofrimento decorrente delas, aparentemente também não ficamos imunes, ao contrário, parece que justamente pela nossa fragilidade e impossibilidade de sobreviver neste mundo nos unimos em grupos, famílias, comunidade, etc. O que antes se apresentava como impossibilidade, por exemplo, de manter vínculo com pessoas apenas quando estas estão felizes e de bem com a vida, quando elas têm algo para nos oferecer, pois imaginamos que nos farão algum tipo de “bem”, hoje passa a ser possível ao utilizar a tecnologia para relacionar-se com os outros mediante os sites de relacionamentos como Facebook, Linked-in, entre outros. Ainda nesse sentido, aplicativos como Tinder, Bang With Friends, Grinder, são ferramentas que prometem uma relação com alguém que quer aquilo que você está disponível a dar, sem a necessidade de manter um vínculo ou estender a relação para além do que é esperado. Porém o efeito disso é ainda mais complicado, pois só tende a distanciar ainda mais as pessoas ao aprofundar a relação delas como uma relação de um indivíduo com uma mercadoria.

Em “Um mundo sem Limites”, de Lebrum (2004), encontramos o ser humano capturado pelo discurso científico que promete o impossível. A ciência com toda sua tecnologia gera um produto para consumo, não apenas para uma melhoria das condições de vida, mas justamente para uma alteração nos modos de viver. As novas tecnologias, além de propiciar uma melhoria nas condições de vida das pessoas, passam a formatar subjetividade(s).

Segundo Zuin (2001), aderir ao sistema e acatar tacitamente as relações sociais baseadas no consumismo tem um preço alto a ser pago, isso porque a pessoa “precisa se esforçar para continuar acreditando tanto na aparência da prioridade de suas necessidades básicas,(...), como no poder da sua vontade de se libertar completamente das amarras do trabalho entediante” (p.13).

Na lógica do consumismo, o trabalho serve, segundo Bauman (2008), apenas como mais uma ferramenta para que os sujeitos tenham a capacidade de consumir. Surge na contemporaneidade uma outra

possibilidade vista até então com maus olhos pelos seres humanos de épocas anteriores: a de gastar tudo o que se ganha, seja dinheiro, seja amor, seja o que for, nada se mantém, o discurso social promete a possibilidade de ter tudo para sempre, sem nenhum esforço do indivíduo.

Para Adorno (2006), a partir do momento que o indivíduo dá adesão ao sistema, o trabalho funcionaria mais como uma distração para que o indivíduo não tome consciência do que ocorre e também para afundar ainda mais o trabalhador na manutenção do status quo da sociedade e da Indústria Cultural. O trabalho nesse sentido tem cumprido o seu papel, pois paga-se ao trabalhador para que ele consuma em segundos aquilo que ele mesmo produziu durante muito tempo.

Vemos então que tudo se tornou mercadoria e os indivíduos não escapam dessa lógica. Ao se relacionarem mutuamente existe um pacto da ordem de uma etiqueta em que os indivíduos contemporâneos repetem com os outros a sua relação com as mercadorias, ou seja, por trás da relação que deveria ser de indivíduo - indivíduo, o que se encontra é a uma relação na qual o indivíduo não apenas espera que o outro seja mero objeto, como também se coloca nessa posição. Temos então a tentativa de dessubjetivação do indivíduo bem como de seus semelhantes transformando a relação em uma relação mercadoria - mercadoria.

CONCLUSÃO

Aparentemente houve no decorrer da passagem da sociedade em que vivera Freud e a nossa sociedade contemporânea uma significativa mudança nas relações humanas e, conseqüentemente, nos próprios indivíduos. O que antes era ligado pelo amor e mediado pelos vínculos e pela história do indivíduo com determinada pessoa, na atualidade está significativamente diferente. Os vínculos estão sendo estruturados pela promessa do que o outro teria para a satisfação do Eu, tal qual o vínculo de um indivíduo com uma mera mercadoria, dessa forma os vínculos estão se dando no sentido de

estabelecer uma relação de consumo e não de troca afetiva como encontramos na relação de amor.

O amor está ligado muito primitivamente às primeiras relações estabelecidas com o outro, ou seja, às primeiras relações humanas de uma pessoa, quando ela era ainda um bebê e relacionava-se com sua mãe, pai e familiares - os cuidadores de forma mais ampla. Especificamente essa relação não deveria ser mediada por uma mesma base que os outros tipos de relações humanas nas quais o dinheiro (mas não apenas) serve como base de troca. Seja no trabalho, no comércio, na compra, venda, ou em qualquer outra situação, o dinheiro estará presente significando o pagamento, e na sociedade contemporânea fica cada vez mais evidente que o dinheiro alcançou também o que antes deveria ser da ordem do afeto e não da ordem do material. Podemos compreender que o preço pago pelo afeto nos dias de hoje não é o preço do tempo, do cuidado, do investimento terno e afetuoso, mas o preço do dinheiro, tal qual se paga por um produto disposto nas prateleiras do mercado.

Pagar pelo afeto, ou ainda substituir o afeto das relações humanas por uma relação nos moldes "comerciais", na realidade, está intimamente relacionado com a forma como os indivíduos têm repetido o discurso social vigente dentro dos vínculos familiares.

A partir do momento em que as famílias deixam de ter filhos em nome de um poder de consumo que certamente estará prejudicado, compreendemos uma vez mais que, talvez, até mesmo o bebê passa a ser um objeto de consumo, de espetáculo. Ter um filho e manter as condições de vida, com a mesma capacidade de compra é um luxo para poucos. Quando a mulher está grávida e pensa em abortar por não estar nos seus planos uma vida nova com todos os "custos" que esta vida irá trazer, a adesão ao sistema já esta selada, mesmo que inconscientemente. Claro que existe sim um custo, mas colocar o custo à frente do ser que está sendo gerado demonstra que nem mesmo aquela relação que poderíamos dizer ser a mais importante para o desenvolvimento e constituição psíquica dos indivíduos está protegida.

Aos poucos as pessoas vão consumindo até a si

mesmas, perdendo seu tempo, seus amigos reais, sua vida, em nome da aparência, em nome do espetáculo, pois o espetáculo - não importa como estão os atores - “tem sempre que continuar”.

Uma saída possível e não tão romântica quanto parece à primeira vista é o do resgate da possibilidade dos indivíduos permitirem a manifestação dos afetos, em especial, do amor.

Uma queixa comum entre os pacientes que geralmente têm buscado psicoterapia é a dificuldade em lidar com afetos. Alguns chegam a um determinado nível em que dizem não saber o que é sentir, ou, ainda, se um dia sentiram que foram amados ou amaram. O intuito não é o de pensar uma “psicopatologia” presente na contemporaneidade, mas justamente pensar que porventura, o que muitas pessoas têm buscado na clínica - e talvez encontrado - seja exatamente uma nova - embora antiga - forma de se relacionar com o outro. Essa forma não aparece mais tão presente no discurso social, porém deixou seus resquícios como marcas de eras anteriores em todos os indivíduos.

Graças à experiência analítica que se pauta no amor transferencial, os pacientes podem experimentar algo que está para além de uma anestesia da falta, eles experimentam e nomeiam sua falta, vivenciam ela e com isso conseguem se libertar, até onde lhes é possível, do discurso social que ordena o silenciamento dos afetos pela via do consumo.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

REFERÊNCIAS

- Adorno, T. (2006). *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Baudrillard, J. (1995). *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (2005). O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, 15(sup), 203-224. doi: [10.1590/S0103-73312005000300010](https://doi.org/10.1590/S0103-73312005000300010)
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Dunker, C.I.L. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Freud, S. (1990). *Além do princípio do prazer*. In S. Freud, Edição Standard das Obras psicológicas completas (pp 11-75). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1990). *Inibições, sintomas e ansiedade*. In S. Freud, Edição Standard das Obras psicológicas completas (pp. 93-201) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1990). *O mal-estar na civilização*. In: S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas (pp. 15-63) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1990). *Totem e Tabu*. In S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas (pp. 11-125) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Lacan, J. (1985). *Os Complexos Familiares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008). *O Seminário: Livro 11 os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lebrun, J. (2004). *Um Mundo Sem Limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Zuin, A.A.S. (2001). Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural. *Cad. Cedes*, 21(54), 9-18. doi: [10.1590/S0101-32622001000200002](https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000200002)